

## DIÁLOGO ENTRE AS CATEGORIAS DA GEOGRAFIA: ESPAÇO, TERRITÓRIO, E PAISAGEM

**José Carlos Rocha**

Mestrando em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC  
[josecarlosrocha@superig.com.br](mailto:josecarlosrocha@superig.com.br)

### RESUMO

Este artigo visa identificar e analisar os diversos conceitos existentes das seguintes categorias geográficas: espaço, território e paisagem. Evidencia-se a necessidade de fixar o conceito, como produto de uma determinada concepção de mundo. Desta forma, há inúmeras conceituações destas categorias, reflexo do tipo de homem que as construiu e do universo que as originou. Conseqüentemente, as diferentes concepções, latentes no interior das categorias geográficas, podem ser consideradas como produtos da visão humana. Espaço, território e paisagem constituem-se elementos norteadores da análise geográfica, cuja metamorfização de suas características epistemológicas, reestruturam-se mediante transformações humanas. O artigo discute estas diversas tendências, procurando delimitar fronteiras entre as próprias categorias e limites entre suas diversas concepções, na atualidade.

**Palavras-chave:** espaço, território, paisagem.

## DIALOGUE BETWEEN THE GEOGRAPHIC CATEGORIES: SPACE, TERRITORY AND LANDSCAPE

### ABSTRACT

This article aims at to identify and to analyze the diverse existing concepts of the following geographic categories: space, territory and landscape. It is proven necessity to evidence the concept, as product of one determined conception of world. Of this form, it has innumerable conceptualizations of these categories, consequence of the type of man who constructed them and of the universe that originated them. Consequently, the different conceptions, latent in the geographic categories, can be considered as products of the vision human being. Space, territory and landscape consist elements of the geographic analysis, whose metamorfização of its epistemologist characteristics; human beings reorganize themselves by means of transformations. The article argues these diverse trends, looking for to delimit borders between the proper categories and limits between its diverse conceptions, in the present time.

**Keywords:** *space, territory, landscape.*

## Considerações iniciais

A Geografia como ciência social possui em seu arcabouço um conjunto de categorias que expressam sua identidade, ao discutir a ação humana no ato de modelar a superfície terrestre.<sup>3</sup> O espaço, a região, o território, o lugar e a paisagem constituem-se no resultado particularizado da atuação humana na transformação do planeta. Diferentes conceitos, diversas formas de caracterizar este ato de mutação, são produtos originários de cada visão particular de mundo, de cada universo expresso na peculiaridade de cada homem como ser único, de culturas geradas em civilizações singulares. As “verdades” embutidas em conceitos antagônicos, no interior de cada categoria geográfica são freqüentemente, expostas como enunciados insofismáveis. Entretanto, são produtos da decorrência da vida, do contacto dos homens com outros homens em espaços e tempos desiguais, incrustados em numerosos e distintos universos culturais. Portanto, os conceitos diferenciados sobre as categorias geográficas são resultados desta individualidade.

O embate entre as distintas maneiras de encarar o ato de modelar a superfície terrestre é típico da Geografia, desde a constituição e o enunciado de seus pressupostos metodológicos em fins do século XIX. Neste período, encontramos no interior da Geografia Tradicional, a disputa entre possibilistas e deterministas. Durante o transcorrer do século XX, a Geografia Quantitativa neopositivista opõe-se à Geografia Regional de Hartshorne e à própria Geografia Tradicional. Nos anos 1970, a Geografia Crítica em uma vertente materialista histórica se contrapõe à Geografia Teórica. Atualmente, o culturalismo coloca-se como contraponto às tendências marxistas. O debate, portanto é extremamente proveitoso, pois confronta idéias, padrões e resultados da relatividade das ciências como um todo.

Cumprе salientar, após estes pressupostos fundamentais, a importância do espaço nas diversas escolas e posicionamentos geográficos. A Geografia Tradicional, institucionalizada como resultado de sua sistematização ocorrida no final do século XIX, não considerava o espaço como categoria chave. A exceção deve se reportar às obras de Ratzel que abordavam a questão do espaço vital. O espaço ratzeliano era o espaço do poder estatal, consolidado por intermédio da expansão territorial. O território para Ratzel seria a concretização formal do espaço, consolidada pela ocupação de uma determinada área por um grupo humano exclusivo. Ainda dentro da Geografia Tradicional, Hartshorne o grande teórico do regionalismo geográfico, trabalhou o espaço de maneira implícita, apresentando uma área como sua correspondência. É o espaço absoluto de Kant, existindo somente quando os fenômenos encontrados em seu interior relacionam-se de forma única, não se concebendo generalizações.<sup>4</sup>

A revolução teórico-quantitativa, ocorrida na Geografia a partir da década de 1950, possibilitou o desaparecimento da paisagem como elemento de interpretação da realidade geográfica, bem como estabeleceu novos parâmetros epistemológicos, calçados nas ciências da natureza, principalmente na Física e na Matemática. O espaço surge como conceito estrutural. Além da paisagem, o território desaparece das interpretações quantitativas.

O espaço passa a ser considerado sob a forma de “planície isotrópica”, constituindo-se em um modelo. A “planície isotrópica” detém uma homogeneidade física, econômica e social, correspondendo a um padrão perfeito, dentro da análise geográfica. Comparando a “planície” com as demais áreas geográficas reais, chega-se ao conceito de diferenciação espacial. Pela primeira vez é empregada a conceituação de espaço relativo, baseado no relacionamento dos objetos dispostos neste mesmo espaço. Distância, orientação e conexão são elementos espaciais essenciais para que se realize uma análise geográfica. Na concepção teórica, as contradições sociais e econômicas são inexistentes. Conseqüentemente, a Geografia Quantitativa orientando-se pelo pensamento burguês, produz a legitimidade de uma

<sup>3</sup> CÔRREA, Roberto Lobato. *Espaço, um conceito-chave da Geografia*. in: CASTRO, Iná Elias de. *Geografia, conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.15 – 47 1995.

<sup>4</sup> HARTSHORNE, R. apud CÔRREA, Roberto Lobato op.cit., p. 19

espacialidade organizada pelo capital.<sup>5</sup>

Estabelecendo-se como contraponto da Geografia Teorética, tanto quanto da Geografia Tradicional, ambas alicerçadas no Positivismo, a Geografia Crítica marxista surge entre os anos 1960 e a década de 1970, estabelecendo novos paradigmas. A questão da ausência da análise espacial e o significado do espaço motivaram debates entre geógrafos por todo este período. Segundo Côrrea op. cit., para Harvey (1975) a espacialidade foi negligenciada pela teoria marxiana, enquanto que para Soja (1993) o espaço foi trabalhado como receptáculo, conceituação muito próxima dos modelos praticados pelas ciências burguesas. A efetivação do espaço como categoria espacial surge nos trabalhos de Henri Lefebvre apud Côrrea op.cit., estabelecendo-o com o espaço social, em estreita correlação com a sociedade. O espaço para este autor é concebido como o *locus* da reprodução da sociedade.

A concepção de Lefebvre sobre o espaço amparou os trabalhos de Milton Santos, cuja preocupação maior estabeleceu-se na formação do conceito de espaço social e de seus desdobramentos para a realidade geográfica. As questões inerentes às pesquisas epistemológicas de Santos serão analisadas posteriormente. Porém, é necessário frisar que seus trabalhos configuraram-se nos maiores instrumentos de renovação da Geografia no Brasil.

A Geografia humanista surge também nos anos 1970, acentuando sua produção nas décadas de 1980 e 1990. Dentro desta perspectiva, o subjetivismo, a intuição, os sentimentos, a experiência, o singular tornam-se a base das análises geográficas. Em conseqüência, a percepção torna-se o instrumento modelar da Geografia Cultural. A paisagem e o território ressurgem como categorias imprescindíveis, fruto da vivência do homem em um determinado lugar. O lugar torna-se o conceito-chave, enquanto o espaço adquire o significado de espaço vivido.<sup>6</sup>

Ao analisar a importância do espaço para as diversas tendências da Geografia, verifica-se a necessidade de se evidenciar o território, categoria de relevo na atualidade desta ciência. Em conjunto com a paisagem, após décadas de ostracismo, ressurgem como componente central nas discussões geográficas. O território é considerado atualmente como um espaço definido por um conjunto de relações de poder. Consequentemente, o território será considerado um espaço controlado por grupos humanos, produzindo territorialidades específicas, das quais o poder se origina. Este processo é observado por intermédio de múltiplas escalas: mundiais, regionais e locais, cuja espacialidade e temporalidade se expressam de maneira contínua ou descontínua.

As conceituações contemporâneas sobre território colocam o espaço com a capacidade de suportar diversas territorialidades simultaneamente, associadas com temporalidades idênticas ou diferenciadas. Assim, em uma mesma cidade, em um bairro específico ou até mesmo em uma rua, vários territórios podem conviver. Os horizontes sobre o território ampliaram-se sobremaneira, nas últimas décadas. A Geografia Cultural possibilitou a transposição da hegemonia da Geografia Política, no tocante às questões sobre a territorialidade. Para a Geografia Política Clássica, o estado era a única categoria a ser considerada em sua análise. Hoje, a multiplicidade, a sobreposição territorial e a ausência definida de fronteiras, ampliam as questões do controle do poder na realidade geográfica, em todas as escalas.

A questão da continuidade ou descontinuidade do território também é destacada nos novos modelos de interpretação. Um território não necessita possuir um espaço contínuo. A noção de uma área com limites precisos torna-se obsoleta, podendo o território ser apresentado através de pontos de conexão, denominados *nós*, constituindo *redes*. Desta forma caracteriza-se o território descontínuo. Na realidade, uma rede configura-se na junção de vários territórios

<sup>5</sup> CÔRREA, Roberto Lobato op.cit., p. 21 - 23.

<sup>6</sup> CÔRREA, Roberto Lobato op.cit., p. 30.

contínuos, concretizando a construção de uma descontinuidade territorial. A paisagem, retomada com evidência em um período recente nas discussões geográficas, representa a “fotografia” desta multiplicidade territorial e de sua sobreposição em um mesmo espaço. A alteração da paisagem humana sobre este espaço testemunha a mutação territorial. Como categoria primária da Geografia, a paisagem retoma o seu ponto de origem, sendo apreciada como depoimento das metamorfoses do espaço social, diante da diferenciação territorial. Portanto, apresento a partir deste momento, os diversos conceitos de espaço, de território e de paisagem, construindo um rápido painel de suas tendências e interpretações.

## O ESPAÇO

O espaço não está atualmente em evidência como nas décadas passadas, quando era colocado como categoria preponderante nas monografias geográficas. Esta preeminência surgiu a partir da década de 1960, quando um grande movimento de renovação passou a ser construído. A Geografia tradicional que identificava a região e a paisagem como principais categorias, passou a ser questionada, pois não apresentava elementos necessários para a análise de uma sociedade repleta de contradições econômicas e sociais. O paradigma materialista tornou-se hegemônico. Surge a Geografia Crítica apresentando a discussão do espaço como seu elemento norteador.

Em fins dos anos 1980, novos padrões são estabelecidos. Com a Geografia humanista, o território, a paisagem e o lugar tornam-se novamente categorias relevantes. Entretanto, é imperativo que se esclareça a importância da espacialidade para a Geografia. Como uma das principais categorias geográficas, deve ser considerada de importância fundamental. Milton Santos (1994) define-a como essencial, pois concentra a materialidade onde a natureza se transforma, em seu todo de forma produtiva.<sup>7</sup>

O lugar, identificado como outra categoria básica individualiza as metamorfoses da natureza, construindo diferenças espaciais, portadoras em sua essência, das diferenças geográficas. Há uma multiplicidade indefinida de espaços, tendências<sup>8</sup> e concepções oriundas de escolas geográficas distintas, produzida por visões de mundo diferenciadas. Segundo o autor, esta variedade de conceitos pode apresentar instrumentos adequados de análise do real, se definir princípios com coerência interna, harmoniosos e que possam dialogar entre si.<sup>9</sup> O processo analítico necessita de coesão interna expressa por intermédio de paradigmas teóricos pré-estabelecidos. Como consequência, Santos (1994) define epistemologicamente o espaço desta forma:

...“O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho...”<sup>10</sup>

Milton Santos coloca através desta conceituação, a importância da natureza e da sociedade na constituição espacial. O antigo paradigma geográfico ressurge. O espaço seria o movimento das relações entre a concretude física do planeta e a humanidade. A mediatização realizada pelo trabalho produz a construção do espaço que se vislumbria como um conjunto indissociável de objetos geográficos, naturais e sociais, com a sociedade em movimento. O espaço seria um conjunto de formas, contendo frações da própria sociedade que se movimentam.<sup>11</sup>

<sup>7</sup> SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 28.

<sup>8</sup> Ibid., p. 24.

<sup>9</sup> Ibid., p. 25.

<sup>10</sup> Ibid., p. 26.

<sup>11</sup> Ibid., p. 27.

Caminhando dentro de uma perspectiva semelhante a Santos, em relação ao espaço, Soja (1993) exprime sua preocupação com o predomínio do espaço fixo, imutável, herança da filosofia Kantiana, na Geografia:

..."Com seu cogito Kantiano mumificado num historicismo neokantiano, a Geografia moderna ficou primordialmente reduzida a acumulação, à classificação e à representação teoricamente inocente do material factual que descreve a diferenciação da superfície da Terra por áreas - ao estudo dos resultados, dos produtos finais de processos dinâmicos mais bem entendidos por terceiros. Assim, a Geografia também tratou o espaço como o campo do morto, do fixo, do não dialético e do imóvel - um mundo de passividade e mensuração, em vez de ação e sentido"...<sup>12</sup>

Kant, filósofo alemão é considerado o grande delimitador de épocas para o conhecimento humano. Produziu seu trabalho intelectual no período de consolidação do sistema capitalista. Nascido no início do século XVIII foi testemunha dos grandes acontecimentos históricos de sua época. Sua obra marca a construção de uma filosofia que refletiu a ascensão burguesa ao poder econômico e político. Para Douglas Santos (2002) Kant significou a síntese maior da vertente hegemônica do pensamento burguês. Segundo o autor, Kant aproxima-se dos conceitos de espaço e tempo newtonianos. Para Newton o espaço é visto como receptáculo, condição a priori da ordenação das coisas.

Kant apud Santos esclarece sua definição de espaço:

..."O espaço não é conceito empírico, extraído de experiências externas. Efetivamente, para que determinadas sensações sejam relacionadas com algo exterior a mim (isto é, com algo situado num outro lugar do espaço, diferente daquele em que me encontro) e igualmente para que as possa representar como exteriores [e a par] umas das outras, por conseguinte não só distintas, mas em distintos lugares, requiere-se já o fundamento da noção de espaço. Logo a representação de espaço não pode ser extraída pela experiência das relações dos fenômenos externos; pelo contrário. Esta experiência externa só é possível, antes de mais nada, mediante essa representação"...<sup>13</sup>

..."O espaço é uma representação necessária a priori, que fundamenta todas as instituições externas. Não se pode nunca ter uma representação de que não haja espaço, embora se possa perfeitamente pensar que não haja objetos alguns no espaço. Consideramos, por conseguinte, o espaço a condição de possibilidade dos fenômenos, não uma determinação que dependa deles; é uma representação a priori, que fundamenta necessariamente todos os fenômenos externos"...<sup>14</sup>

Para Kant o espaço é condição essencial para a existência dos objetos que o compõe. Não sendo possível a existência destes objetos, constituídos por elementos naturais e humanos, na exterioridade deste mesmo espaço, que é a priori infinito. Portanto, o universo em que vivemos é um grande cenário, a Geografia seria a ciência que o descreve.<sup>15</sup> (13) O espaço absoluto é o espaço receptáculo, é o espaço como a representação que não se transforma, é imutável, tornando-se elemento preponderante para a Geografia tradicional, hegemônica durante quase a maior parte do século XX. Ao contrário, a relatividade espacial é condicionada pela metamorfose. O espaço altera-se pela ação humana. A ascensão do marxismo como modelo metodológico, para a análise geográfica, possibilitou o aproveitamento definitivo do conceito de espaço relativo.

<sup>12</sup> SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 48.

<sup>13</sup> KANT apud SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço. Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 180 - 181.

<sup>14</sup> Ibid., op. cit., p. 181

<sup>15</sup> Ibid., op. cit., p. 185.

A relatividade espacial é retratada por Castells apud Soja op. cit., que a coloca como resultado da ação humana:

..."O espaço não é um 'reflexo da sociedade', ele é a sociedade. (...) Portanto, as formas espaciais, pelo menos em nosso planeta, não de ser produzidas, como o são todos os objetos, pela ação humana. Não de expressar e executar os interesses da classe dominante, de acordo com um dado modo de produção e com um modo específico de desenvolvimento. Não de expressar e implementar as relações de poder do Estado numa sociedade historicamente definida... Ao mesmo tempo, as formas espaciais serão marcadas pela resistência das classes exploradas, dos sujeitos oprimidos e das mulheres dominadas. E a ação deste processo histórico tão contraditório sobre o espaço será exercida numa forma espacial já herdada, produto da história anterior e sustentáculo de novos interesses, projetos, protestos e sonhos. Finalmente, de quando em quando, surgirão movimentos sociais para questionar o sentido da estrutura espacial, por conseguinte, tentar novas funções e novas formas"...<sup>16</sup>

Aproximando-se da visão de Castells, Lefebvre apud Soja, op. cit., apresenta o espaço como produto da atuação humana sobre a natureza, criticando sua pretensa neutralidade e sua não interferência na sociedade, caracterizando uma possível entidade autônoma:

..."O espaço não é um objeto científico afastado da ideologia e da política; sempre foi político e estratégico. Se o espaço tem uma aparência de neutralidade e indiferença em relação a seus conteúdos e, desse, modo parece ser 'puramente' formal, a epítome da abstração racional, é precisamente por ter sido ocupado e usado, e por ter já ter sido o foco de processos passados cujos vestígios nem sempre são evidente na paisagem. O espaço foi formado e moldado a partir de elementos históricos e naturais, mas esse foi um processo político. O espaço é político e ideológico. É um produto literalmente repleto de ideologias"...<sup>17</sup>

Ao mesmo tempo, Castells op. cit., evidencia a necessidade da inserção da análise espacial a uma teoria social geral:

..."O espaço é um produto material relacionado com outros elementos – entre outros, os homens, que entram, eles próprios, em determinadas relações sociais, que conferem ao espaço (e aos outros elementos da combinação) uma forma, uma função e uma significação social. Ele não é, portanto uma mera oportunidade a disposição da estrutura social, mas uma expressão concreta de cada conjunto histórico em que uma sociedade é especificada. A questão, portanto, é estabelecer, do mesmo modo que em relação a qualquer outro objeto real, as leis estruturais e conjunturais que regem sua existência e transformação, e a especificidade de sua articulação com os outros elementos de uma realidade histórica. Isso significa que não há teoria do espaço que não seja parte integrante de uma teoria social geral, ainda que implícita"...<sup>18</sup>

Lefebvre, célebre filósofo e sociólogo francês, caracterizou-se pela utilização do marxismo como instrumento de análise social. Em suas últimas obras trabalhou a inserção do espaço geográfico como categoria marxista. Uma dificuldade latente encontrada em quase todos os pensadores ligados a sua postura metodológica baseada no materialismo histórico. O historicismo individualizou-se como elemento primordial na condução das teorias sociais críticas. O espaço geográfico foi deslocado à margem do materialismo dialético, sendo que a organização espacial representou somente um palco, um espelho da dinâmica social.<sup>19</sup> Henri Lefebvre op. cit., constituiu-se em um membro diferenciado no interior da intelectualidade

<sup>16</sup> CASTELLS, Manuel apud in SOJA, Edward W., op. cit., p. 89 - 90.

<sup>17</sup> LEFEBVRE, Henri apud in SOJA, Edward W., op. cit., p.102.

<sup>18</sup> CASTELLS, Manuel apud in SOJA, Edward W., op. cit., p. 105

<sup>19</sup> SOJA, Edward W., op. cit., p. 107

marxista, trabalhando a inclusão do espaço geográfico como produtor da sociedade, em uma dialética que exprime um diálogo constante entre a sociedade e o próprio espaço, produto e paralelamente produtor dos relacionamentos sociais. O homem constrói o espaço geográfico e ao mesmo tempo é reflexo deste mesmo espaço, assinalando na paisagem vestígios de um passado modelado por este relacionamento dialético, aproximando a temporalidade e a espacialidade. Castells, na esteira de Lefebvre, coloca a necessidade de se estabelecer leis que possibilitem a explicação sobre o surgimento e o funcionamento do espaço criado, o espaço geográfico.

O estabelecimento de estruturas metodológicas que coordenem e expliquem a construção do espaço geográfico, foi uma das preocupações centrais nas obras de Milton Santos. Em uma de seus trabalhos finais, "A natureza da Geografia. Técnica e tempo. Razão e emoção" evidencia-se, com clareza sua ansiedade com a magnitude desta tarefa, envolta na concepção de uma nova teoria que elucide a formação do espaço e identifique e discuta questões epistemológicas da Geografia:

..."Este livro resulta, sobretudo de uma antiga insatisfação do autor diante de um certo número de questões. A primeira tem que ver com o próprio objeto de trabalho do geógrafo. A essa indagação, com frequência a resposta é buscada numa interminável discussão a respeito do que é a Geografia...Desse modo, a discussão é sobre o espaço e não sobre a Geografia; e isto supõe a domínio do método... Um outro tema de nossa insatisfação é a famosa união espaço-tempo, mediante a consideração da inseparabilidade das duas categorias"...<sup>20</sup>

Prioritariamente, Santos (2002) expõe sua concepção de espaço:

..."Como ponto de partida, propomos que o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. Através desta ambição de sistematizar, imaginamos poder construir um quadro analítico unitário que permita ultrapassar ambigüidades e tautologias"...<sup>21</sup>

Conseqüentemente, a partir deste alicerce metodológico, o autor pode reconhecer e reconfigurar as demais categorias da Geografia: território, paisagem, região e lugar. No caso específico deste artigo, consideramos prioritariamente as seguintes categorias de análise: espaço, território e paisagem. Porém, apresentaremos uma discussão sobre o caminho percorrido pelo geógrafo brasileiro que permitiu a definição de um determinado paradigma sobre o espaço geográfico.

A relação entre o homem e a natureza é mediatizada pela técnica. Consideraremos a técnica como um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e ao mesmo tempo, cria espaço.<sup>22</sup> (20) Todos os acontecimentos humanos devem ser analisados sob a ótica da evolução das técnicas. Ampliando a definição, pode-se optar pelo estabelecimento de um amplo sentido para o termo: Maximilien Sorre apud Santos coloca o fenômeno técnico presente em todas as atividades humanas, não somente nas industriais. A técnica possibilita a evolução do homem em adaptação ao mundo, produzindo espaços geográficos. Os objetos técnicos estão presentes em todas as sociedades humanas. A paisagem é fruto da evolução dos objetos técnicos. O espaço pode ser considerado um híbrido entre o meio natural e a técnica. A integração da natureza e dos objetos técnicos produz o espaço geográfico. Reafirmando a importância do meio técnico, Milton Santos evidência sua importância espacial e temporal:

..."A técnica nos ajuda a historicizar, isto é, a considerar o espaço como fenômeno histórico a geografizar, isto é, a produzir uma Geografia com a

<sup>20</sup> SANTOS, Milton, op. cit., p. 18.

<sup>21</sup> Ibid., op. cit., p. 21.

<sup>22</sup> Ibid., op. cit., p. 29.

ciência histórica. Assim pode-se também produzir uma epistemologia geográfica de cunho historicista e genético, e não apenas historista e analítico”...<sup>23</sup>

A unificação do tempo e do espaço é outra discussão alicerçada por Santos. Considera a possibilidade da concretização desta correlação, por intermédio da empirização do tempo, já que o espaço tem componentes materiais que podem ser empirizados. A preocupação do autor é totalizar a questão do tempo, do espaço e do mundo material. A sociedade humana cria objetos técnicos que possuem materialidade, pois são concretos, palpáveis. Paralelamente, estes objetos técnicos contraíram um tempo específico, pois pertencem a um determinado momento histórico. Empiricamente, a paisagem pode ser considerada elemento espacial e temporal, pois foi estabelecida através de uma determinada técnica, predominante em um determinado período da evolução humana. A técnica é datada, portanto sua temporalidade adquire percepção através dos sentidos humanos. Há igualmente, a possibilidade de se produzir uma paisagem diferenciada, com elementos híbridos de vários tempos. Porém, esta hibridéz está associada à capacidade de uma determinada época em produzi-la, tornando-se concomitantemente, uma demonstração de uma temporalidade específica.<sup>24</sup>

A diferenciação de lugares, uma das expressões fundamentais da Geografia baseia-se em espaços diversificados e tempos diferenciados. Os objetos técnicos não são assimilados igualmente por todo o planeta. Os lugares, considerados espaços locais possuem características próprias: cultura e meio natural diferenciados. Desta forma, influenciam a criação de novos espaços geográficos, em momentos históricos díspares. Uma determinada técnica pode ser assimilada rapidamente por todo o planeta, somente por algumas regiões ou por alguns locais específicos. Nestes lugares convivem objetos técnicos relacionados a outros períodos históricos. Constituem reflexos da empirização do tempo e da criação de espaços geográficos específicos.

O espaço geográfico é visualizado como o resultado do desempenho do homem sobre a natureza, configurado como um sistema de ações, criando objetos técnicos que alteram a própria natureza e a sociedade humana. Santos trabalha não somente a concepção de espaço e das demais categorias de análise geográfica, mas também estabelece discussões, aponta critérios sobre os fundamentos da Geografia, produzindo alternativas para as grandes dificuldades epistemológicas desta ciência. Em um universo

de conhecimentos repleto de diferentes interpretações sobre o espaço, a temporalidade, enfim todas as construções geográficas, as propostas de Milton Santos podem trazer uma ordenação estrutural, um referencial metodológico, com novos paradigmas.

A conceituação de espaço empregado por este trabalho caminha vinculada às interpretações epistemológicas, que vêem a espacialidade como construção humana. Conseqüentemente, o espaço relativo constituiu-se em um elemento condicionante para a construção desta realidade. O espaço não é visto como palco, como representação ou o espaço absoluto O objeto técnico de Milton Santos é o instrumento material e temporal da paisagem, constituindo-se ela no ponto de confluência da relação sociedade e espaço, possibilitando a concepção do espaço social.

## O TERRITÓRIO

O conceito de território é muitas vezes confundido com o de espaço. Este problema constituiu-se devido aos tênues limites fronteiriços entre as categorias geográficas. Portanto, a necessidade de se discutir a conceituação de território como categoria geográfica, se expressa por um imperativo epistemológico. Ao trabalharmos com a categoria território, estamos nos reportando automaticamente ao tempo. A temporalidade está expressa no território, tornando-

<sup>23</sup> Ibid., p. 49.

<sup>24</sup> Ibid., p. 53 - 55.

se uma referência necessária.<sup>25</sup>

A preocupação da Geografia com o território é antiga. Em conjunto com as categorias espaço, região, paisagem e lugar, o território estabelece-se como um de seus pilares. Na última década, ocupou o lugar do espaço como categoria central, tornando-se prioritário nos trabalhos epistemológicos. Esta tendência é visualizada desde o final dos anos 1980, quando se iniciou uma reformulação das tendências da ciência geográfica. A partir desta fase, o território passou a ser considerado como uma de suas categorias chave.

O primeiro grande teórico da Geografia a trabalhar com a categoria território evidenciou-se na figura de Friedrich Ratzel, um dos sistematizadores do conhecimento geográfico. Sua obra foi construída no final do século XIX na Alemanha, tornando-se um dos processadores da Geografia tradicional, alicerçada no Positivismo de Augusto Comte.

Moraes (1992) coloca a definição de Ratzel de espaço e de território:

...”Os diferentes fatores que impulsionam o progresso de um povo, colocando-o na senda da civilização, possuem um pano de fundo comum: o ‘teatro’ onde se desenrola tal processo - a superfície da Terra. A relação do homem com o meio seria uma constante nos acontecimentos que interessam à história do homem, esse ‘ser terrestre’. Daí a visão de Ratzel da ‘unidade telúrica, entre a história da humanidade e a do planeta. A Terra é posta como substrato indispensável da vida humana, sua condição universal de existência. O espaço, segundo ele, encerra as condições de trabalho da sociedade, que aumenta progressivamente com o seu desenvolvimento”...<sup>26</sup>

...”O território seria, em sua definição, uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano. Observa-se que a propriedade qualifica o território, numa concepção que remonta as origens do termo na Zoologia e na Botânica (onde ele é concebido como área de dominância de uma espécie animal ou vegetal). Dessa forma, o território é posto como um espaço que alguém possui, é a posse que lhe dá identidade”...<sup>27</sup>

O posicionamento de Ratzel sobre o espaço implica em uma clara aproximação das tendências positivistas, preponderantes no cenário das Ciências Sociais no último quartel do século XIX. Sua concepção de espaço era herdeira das tradições newtonianas e kantianas do século XVIII. O espaço absoluto, receptáculo, suporte de todo o desenvolvimento da natureza e da sociedade, constituía-se em seu alicerce teórico básico. Paralelamente, o território era visualizado com uma conotação de domínio, de controle de uma determinada área. Seus pressupostos vinculavam-se novamente ao Positivismo quando enxergava nas Ciências Naturais, o modelo a ser adotado, como método científico que abordaria questões sociais. A concepção naturalista de território é exposta por Ardrey apud Haesbaert (2004):

...”Uma área do espaço, seja de água, de terra ou de ar, que um animal ou grupo de animais defende como uma reserva exclusiva. A palavra é também utilizada para descrever a compulsão interior em seres animados de possuir e defender tal espaço”...<sup>28</sup>

Quando Ratzel define sua concepção de território, concomitantemente especifica o surgimento da Geografia política. A questão do surgimento do Estado é observada como consequência da preocupação do homem, com a proteção de seu espaço de poder. Em sua obra “Antropogeografia” este panorama é visto desta maneira:

<sup>25</sup> SPOSITO, Eliseu Savério. *Geografia e Filosofia. Contribuição ao ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p.111.

<sup>26</sup> MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ratzel. Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1992, p.23

<sup>27</sup> Ibid. Ibidem

<sup>28</sup> ARDREY apud HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização. Do “fi m dos Territórios à multiterritorialidade”*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 45.

...”Que o território seja necessário à existência do Estado é coisa óbvia. Exatamente porque não é possível conceber um Estado sem território e sem fronteiras é que vem se desenvolvendo rapidamente a Geografia política; e embora mesmo a ciência política tenha frequentemente ignorado as relações de espaço e a posição geográfica, uma teoria de Estado que fizesse abstração do território não poderia jamais, contudo, ter qualquer fundamento seguro. Tivemos ao contrário algumas teorias sociais em que não foi absolutamente considerado o ambiente físico; e em toda a sociologia moderna o território merece tão pouca consideração que as obras que tratam dele a fundo nos aparecem com as exceções. A maior parte dos sistemas e das teorias sociológicas considera o homem como separado da Terra”...<sup>29</sup> (27)

Segundo Ratzel a territorialidade não era tema das principais Ciências Sociais em finais do século XIX. Entretanto, não se pode conceber a análise política e social de qualquer comunidade, sem levar em conta o território. Seu nascimento é relacionado com a própria evolução da civilização. O território surge com o desenvolvimento da família e a conseqüente ampliação da área disposta em seu entorno, para proteção e alimentação. O conjunto de várias famílias complexas possibilitou a ampliação territorial e posteriormente à formação do Estado, entidade controladora desta instituição. (28) Exatamente neste ponto, Ratzel passa a construir seu processo teórico em relação ao espaço vital, resultado da necessidade territorial dos grandes estados. O espaço vital serviu como suporte a expansão germânica, que resultou na Primeira Guerra Mundial. O território, para Ratzel era um instrumento de dominação de um determinado povo sob outros, ampliando sua área de influência econômica e cultural. A Geografia Política, fundada pelo geógrafo prussiano, era balizada dentro destes pressupostos.

Por outro lado, Raffestin (1993) produz uma crítica a Geografia Política, definindo-a como uma Geografia estatal, desenvolvida por Ratzel, que considerava o Estado como única organização dotada de poder político, capaz de se estabelecer no espaço, construindo uma determinada territorialidade. A Geografia Política idealizada por Raffestin evidenciada em seu trabalho “Por uma Geografia do poder” indica a existência de várias dimensões de poder, produto das mais diferentes ações humanas. Desta forma, a Geografia deve estabelecer instrumentos que viabilizem o desvendamento das inúmeras relações políticas, mascaradas sob a égide da sociedade de acumulação capitalista. Na Geografia Política Clássica o Estado é o ator Privilegiado; na realidade, segundo Raffestin, há uma escala de atores sociais que também são integrantes das relações de poder: atores, política dos atores, finalidade dos atores, estratégia, códigos, componentes espaciais e temporais. Os atores sociais expressam-se através de organizações estatais, políticas, econômicas e religiosas, articulando-se no interior do processo capitalista. Toda relação é instrumento do poder, estabelecendo-se como um processo de troca e de comunicação. As forças que dispõem os parceiros relacionais criam o campo de poder.<sup>30</sup>

O território como expressão da ocupação espacial pelo homem deveria ter sido considerado por todas as Ciências Sociais, porém segundo Haesbaert (2004) somente a partir dos anos 1960, a dimensão espacial/territorial passou a ser considerada.<sup>31</sup> A Geografia que deveria ter sido a pioneira, esteve ausente nas primeiras horas do debate epistemológico. A partir do final dos anos 1980, a Geografia passou a considerar o território no interior de suas múltiplas facetas e interpretações. Cada Ciência Social em particular, vê o território sob um prisma diferente. Os geógrafos observam-no através da ênfase à sua materialidade, e o relacionamento homem e natureza, nele embutido. A Ciência Política problematiza suas concepções de poder, a Antropologia sua dimensão simbólica. A construção positivista da sistematização das ciências produziu compartimentos estanques, individualizando o processo

<sup>29</sup> RATZEL, Friedrich. *Antropogeografia* apud MORAES, Antonio Carlos Robert (org.), op. cit., p.73.

<sup>30</sup> RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993, p. 17 - 64.

<sup>31</sup> HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 36.

de captação da realidade. A tendência atual é superar este espírito, construído pelo Positivismo. A subjetividade, segundo o autor, passou a ser desconsiderada pela Geografia, resultante de um amplo processo de condicionamento ideológico de alguns geógrafos marxistas. Desta forma, Haesbaert agrupou as concepções de território em três vertentes: a política - relações de poder de forma geral, a cultural – priorizando a dimensão simbólica e subjetiva do fenômeno, a econômica, enfatizando a relação capital – trabalho, e finalmente a interpretação naturalista, que compreende o território como resultante da transposição da ordem animal para a organização espacial humana.

Segundo o próprio Haesbaert, estas concepções sobre o território podem ser englobadas em uma nova sistematização, que se coordena através de conceituações filosóficas. Conseqüentemente, passamos a apresentar dois módulos interpretativos, o binômio realismo-idealismo e o binômio espaço-tempo. A opção dependerá da posição filosófica do pesquisador. Entretanto, a atualidade proporciona novas tendências na tentativa de superação das dicotomias entre o materialismo e o idealismo.

O autor coloca-se entre aqueles que utilizam não somente a dimensão social, mas também a representação e o imaginário, relacionando-os com o objetivo da superação da divisão do trabalho científico. Contribuindo novamente com a discussão sobre a conceituação categorias geográficas Milton Santos op. cit., (2002) coloca o evento como um veículo de uma determinada possibilidade. O mundo é um conjunto expressivo de inúmeras possibilidades, que podem ou não serem concretizadas. A atuação do homem pode ou não materializá-las dentro de um espaço material específico. O lugar é o depositário final dos eventos. Estes também podem ser identificados como trajetos que as possibilidades produzem até se instalarem em uma determinada organização espacial. Conseqüentemente, o evento trabalha com o tempo e o espaço, em escalas geográficas diferentes. Constituem os criadores do tempo, definidos em espaços específicos. Os eventos adaptam-se através de escalas diferentes, definindo parâmetros de formação territorial do espaço. Os arranjos dos eventos em escalas distintas constituem os formadores da territorialidade, que se transforma como resultado da disputa pelo espaço e o respectivo controle do poder.<sup>32</sup>

A paisagem surge como forma de expressão dos eventos nos lugares. Para Milton Santos, os eventos possuem características próprias, que podem ser definidas dentro dos seguintes parâmetros:

...“Os eventos também são idéias e não apenas fatos. Uma inovação é um caso especial de evento, caracterizada pelo aporte a um dado ponto, no tempo e no espaço, de um dado que nele renova um modo de fazer, de organizar ou de entender a realidade”...<sup>33</sup>

Rogério Haesbaert (2005) conceitua o território desde sua origem, trabalhando as concepções etimológicas, próprias do cerne de seu significado:

...“o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *térreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no ‘territorium’ são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) a efetiva ‘apropriação’”...<sup>34</sup>

Território para Haesbaert teria dois significados. O primeiro estaria relacionado à questão própria do poder político e, a outra, ligar-se-ia ao sentido de dominação, conseqüentemente de apropriação. Apropriar-se de um determinado espaço seria vivê-lo, construí-lo, relacionando-o

<sup>32</sup> SANTOS, Milton, op. cit., p. 148 - 156

<sup>33</sup> Ibid., op. cit., p. 148

<sup>34</sup> HAESBAERT, Rogério. *Da desterritorialização à multiterritorialidade*. São Paulo: Anais do X Encontro de geógrafos da América Latina, Universidade de São Paulo, p. 6775.

com a questão do “sentir”.<sup>35</sup> Surge a questão da multiplicidade do território, em um determinado espaço geográfico. A lógica do território eminente político, estaria sujeito a unifuncionalidade. Ao contrário, dentro de um mesmo espaço geográfico podem coexistir territorialidades diferentes, sobrepostas ou paralelas. Os territórios estão acoplados aos sujeitos, que lá vivem e que são condicionados pelo poder ou o reproduzem continuamente.<sup>36</sup>

Sack, op. cit., trabalha o território através de duas dimensões: a política, de dominação espacial, e a dimensão simbólica, que efetua a percepção do lugar. Sack efetua uma leitura integradora de todas as vertentes possíveis em relação ao significado das diversas territorialidades existente no espaço:

...”A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado”...<sup>37</sup>

Apesar da apresentação de vários posicionamentos metodológicos sobre o território, evidencia-se que somente uma visão integradora, pode realmente construir um real mais dinâmico e compreensível como foi visto. As diversas Ciências Sociais possuem uma interpretação particularizada de território: a Ciência Política, as relações de poder e a Antropologia, a criação de símbolos. Caberia a Geografia a construção de uma visão que integrasse estes elementos? O território substituiria a região *lablachiana* como escala de compreensão dos fenômenos espaciais? Esta visão integradora traduz uma oportunidade única: o inter-relacionamento das relações de poder político e econômico com a simbologia culturalista. O reflexo característico produziria uma conexão do global com o local, da exterioridade com a interioridade. O território seria um híbrido entre o mundo material e o ideal.

Retornando a Sack, observamos que sua territorialidade não possui nenhuma escala definida, podendo-se considerá-la a partir de áreas bastante exíguas, como uma sala com poucos metros quadrados, uma quadra, ou simplesmente um relacionar constante entre pontos fluídos, definidos em pontos materialmente distantes, determinando a formação de redes geográficas. Como Raffestin, Sack considera territorialidade como basicamente humana. O ponto de convergência entre eles configura-se nesta circunstância. O aspecto integrador apresenta o território por intermédio das dimensões política, econômica e cultural-simbólica.

## PAISAGEM

Em conjunto com as categorias espaço e território, a paisagem também apresenta diversas conceituações. Em seu âmago, a paisagem é discutida com o objetivo de se estabelecer o tipo e os níveis de relacionamento entre as relações sociais e a natureza em um determinado espaço. Estas concepções contrapostas originaram-se principalmente da existência de “escolas nacionais” que divergem quanto ao entendimento de seu funcionamento como categoria geográfica, de suas características e de seus fundamentos epistemológicos. A Geografia alemã compreendeu a paisagem como um conjunto de fatores naturais e humanos. Os autores franceses relacionaram o homem com seu espaço físico. A Geografia quantitativa substituiu o termo *landscape* por região, definindo-a como um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da paisagem e da ação humana. Paralelamente, uma visão ecológica, surgida na Alemanha e nos Estados Unidos, identificou as unidades de paisagem como conjunto de processos ecológicos. A maioria dessas abordagens refletiu posicionamentos filosóficos de um determinado período histórico. O Positivismo analisou-a a como elemento estático, o Marxismo fixou-a como um elemento da ação entre o capital e o trabalho. Atualmente, a paisagem possui uma abordagem holística, com o predomínio da visão culturalista.<sup>38</sup> (37)

<sup>35</sup> Ibid, p. 6774-6792.

<sup>36</sup> SACK, Robert apud HAESBAERT, Rogério, op. cit., p. 6776

<sup>37</sup> Ibid. ibidem.

<sup>38</sup> SHEIR, Raul Alfredo. *Trajatórias do conceito de paisagem na Geografia*. Curitiba: R.RA'EGA, n° 7, 2003, p. 80 - 81.

Milton Santos op. cit., aborda a questão da paisagem em relação a categoria espaço e território, diferenciando-as dentro de parâmetros específicos:

..."Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima"...

A palavra paisagem é frequentemente utilizada em vez da expressão configuração territorial. Está é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Assim, quando se fala em paisagem, há, também, referência a configuração territorial e, em muitos casos, o uso das duas expressões é indiferente"...

Em uma definição anterior, Santos (1994) conceitua paisagem também como o domínio do visível:

..."Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons"...

Apresentando uma visão ampliada da essência da paisagem, Jean - Marc Besse (2006) coloca sua interioridade como fora da captação dos sentidos:

..."O ponto de partida da análise geográfica seria, sem dúvida, o seguinte: mesmo sendo a paisagem uma dimensão do visível, esta paisagem é o resultado, o efeito, ainda que indireto e complexo, de uma produção. A paisagem é um produto objetivo, do qual a percepção humana só capta, de início, o aspecto exterior. Há como que um 'interior' da paisagem, uma substância, um ser da paisagem que só deixa ver seu exterior. É, aliás, isto que dará aos olhos de certos geógrafos, o limite da abordagem paisagística. Ao mesmo tempo, a intenção e a esperança científicas do geógrafo consistem em tentar ultrapassar esta superfície, esta exterioridade, para captar a 'verdade' da paisagem"...

Entretanto, Milton Santos, em considerações posteriores, também se preocupou com a dimensão da percepção sensorial na tentativa de cultivar a emersão da essência da paisagem:

..."Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro só a aparência"...

Os dois posicionamentos aproximam-se, pois tendem a observar não somente a aparência da paisagem, mas sim o que se vislumbra em sua interioridade. Segundo Santos, op. cit., a produção do espaço é resultado da ação humana sobre o próprio espaço, através de objetos naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de aspectos diferentes de forças produtivas. Portanto, a paisagem embute em seu cerne estas mesmas forças que a construiu.

Conseqüentemente, a paisagem deverá ser decifrada através de um conjunto de signos que possa nos assegurar sua verdadeira leitura, aprendendo a compreender seus códigos. Para

<sup>39</sup> SANTOS, Milton, op. cit., p. 103.

<sup>40</sup> Ibid. ibidem

<sup>41</sup> SANTOS, Milton., op. cit., p. 61

<sup>42</sup> BESSE, Jean-Marc, op. cit., p. 65.

<sup>43</sup> SANTOS, Milton, op. cit., p. 62.

<sup>44</sup> Ibid., p. 64

Jean – Marc Besse, a paisagem demonstra os vestígios do homem sobre a Terra, produzindo traços da atividade humana, fixando suas marcas. A paisagem para o geógrafo é a impressão da sociedade humana.<sup>45</sup> Avalizando a postura de Besse, Milton Santos também define a questão da paisagem na Geografia como básica para esta ciência, citando as palavras do historiador Marc Bloch:

“O seu caráter de palimpsesto, memória viva de um passado já morto, transforma a paisagem em precioso instrumento de trabalho, pois ‘essa imagem imobilizada de uma vez por todas’ permite rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto... o que temos diante de nós são apenas fragmentos materiais de um passado – de sucessivos passados – cuja simples recolagem não nos ajuda em muito. De fato, a paisagem permite apenas supor um passado. Se queremos interpretar cada etapa da evolução social, cumpre-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade a escreveu de momento em momento. Assim, reconstituímos a história pretérita da paisagem, mas a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a sociedade atual “...<sup>46</sup>

A paisagem para Besse é a cultura encarnada, é a expressão da existência humana, é a portadora de um sentido, a marca espacial do encontro do homem com o mundo. A paisagem passa a ser a forma com que os homens constroem uma nova natureza, sobre a natureza primitiva, a primeira natureza. Conseqüentemente, ela é mais mundo social do que natureza primária é a cultura expressa sobre o universo material. A paisagem não é nada mais do que o conjunto de mediações, ou propriamente a cultura.<sup>47</sup>

Comparando as definições fenomenológicas de Dardel, expostas no trabalho de Besse, com as de Milton Santos, soma-se a questão da historicidade. Frequentemente, trata-se a paisagem como história congelada. Porém ela também se processa como história viva, participando das formas que se constroem no espaço. Desta maneira, a paisagem passa a ser testemunha da sucessão dos meios de trabalho, em um resultado histórico acumulado. Segundo Besse a leitura da paisagem desenvolve-se dentro de requisitos especiais:

...”Ler a paisagem é extrair formas de organização do espaço, extrair estruturas, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias”...<sup>48</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a organização espacial é visualizar uma série de fatores que se interpõem mutuamente. A paisagem é o fruto das transformações irregulares que o homem produziu ao longo do tempo. Compreender a organização e a produção espacial é visualizar uma série de fatores que se interpõem mutuamente. A paisagem é produto das transformações irregulares que o homem produziu ao longo do tempo. Envolve um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de realizar as coisas, de construir o espaço. A paisagem é cultura, é o universo das condições políticas e econômicas, resultado da implantação espacial das técnicas. O espaço detém uma dimensionalidade palpável. O território é a expressão do controle do espaço geográfico, por intermédio de uma rede de relações de poder. A paisagem interioriza uma infinita categoria de realizações humanas, dispostas em tempos diferentes, neste mesmo espaço.

Em conjunto, estas categorias geográficas organizam metodologicamente a análise da

<sup>45</sup> Ibid. ibidem

<sup>46</sup> BLOCH, Marc apud SANTOS, Milton, op. cit., p. 107.

<sup>47</sup> BESSE, Jean – Marc, op. cit., p. 92 – 94

<sup>48</sup> Ibid, p. 64

produção e do arranjo espacial. Atualmente há um equilíbrio nos níveis de importância epistemológica entre estas categorias. No entanto, o desprestígio da paisagem nas últimas décadas do século XX era notória, devido à ascensão do espaço como categoria geográfica chave. No final da década de 1980, a Geografia humanista dentro de suas várias vertentes, possibilitou a retomada conceitual tanto do território, quanto da paisagem. No início do século XXI, estão também dispostas como primordiais nas pesquisas geográficas, transformadas em artigos científicos, dissertações e teses.

Ao encerrar esta exposição sobre algumas categorias da Geografia, cumpre também salientar que a realidade geográfica possui uma determinada disposição. Sua composição compreende o contato entre forças antagônicas, gerando uma energia que atua sobre um substrato plástico. O resultado apresenta-se sobre a materialidade de um conjunto de formas. A energia de circulação é produzida pelo homem atuando sobre o espaço e concomitantemente sobre a própria sociedade. O substrato plástico é o espaço geográfico, modelado pela humanidade, através de diversas territorialidades, produzindo a paisagem como forma espacial por excelência.